



Zia Soares

“É no espaço lacunar da história que me interessa criar”

O Dia Mundial do Teatro, assinalado a 27 de Março, foi a razão desta entrevista à atriz Zia Soares, primeira mulher negra directora artística de uma companhia de teatro em Portugal, concretamente no Teatro GRIOT. Zia Soares é angolana, nascida no Bié, há 49 anos. “Tenho 3 memórias: o cheiro das goiabas, a voz da minha avó Mangui e a roupa que trazia vestida no dia em que partimos para Portugal”, para onde chega com 2 anos de idade. Em entrevista, Zia Soares perpassa por vários momentos da sua carreira, iniciando na inocente experimentação no Teatro Praga a cânones da literatura

MATADI MAKOLA

Celebrou-se no dia 27 o Dia Mundial do Teatro. Como o teatro aparece na sua vida? Foi sempre, nas opções de ser, a sua primeira ambição? Sabemos ser uma das atrizes fundadoras do Teatro Praga, onde trabalhou de 1994 até 2000. Como foi se afirmar na cena teatral em Lisboa? O Teatro foi me aparecendo... Olhando para trás, percebo que desde miúda, nas apresentações nas festas da escola ou da paróquia, e mais tarde num grupo de danças e cantares timorenses, esse bicho foi se entranhando, aos poucos. O Teatro Praga foi constituído por atrizes e actores muito jovens, inocentes e com muita coragem. Foi um tempo muito entusiasmante.

Por lhe escrever a partir de Angola, em Luanda, pergunto: Há quanto tempo não vem a Angola? Pude ver que nasceu no Bié, há

quase cinquenta anos... Que memórias (afectivas ou colectivas) tem sobre esta parte de Angola? Angola tem temas, situações ou vivências que lhe interessariam um dia levar à cena? Acompanha a vida artística angolana??

Nasci no Bié e vim para Portugal com 2 anos apenas. Tenho 3 memórias: o cheiro das goiabas, a voz da minha avó Mangui e a roupa que trazia vestida no dia em que partimos para Portugal. A primeira vez que retorno a Angola, foi em 2013 para me apresentar com o Teatro GRIOT no Festival Internacional do Elinga Teatro. Poucos dias antes da nossa apresentação, perdi a voz. Tomei litros de sumo e chá de limão com mel e gengibre e a voz lá foi voltando a mim, muito rouca, até que no espetáculo, na cena, ela regressa: violenta, plena...Foi muito intenso este meu reencontro com Angola. Acompanho o que se vai fazendo aí através de colegas e amigos. No ano passa-

O Rogério de Carvalho e o trabalho que vem desenvolvendo tanto em Portugal como nos PALOP merece todas as honras e todos os aplausos. O seu contributo para o teatro é absolutamente singular e tem tocado artistas de diversas gerações e proveniências

do, colaborei com o artista visual Kiluanji Kia Henda na performance “Resetting Birds’ Memories”, que se constrói a partir da história do Largo do Kinaxixi.

Sim, tenho muita vontade de trabalhar em e sobre Angola e espero que num futuro próximo se concretizem projectos que venho pensando com colegas angolanos que vivem aí.

Ainda sobre Angola, Rogério de Carvalho foi dado recentemente a máxima distinção da Cultura, o Prémio Nacional de Cultura e Artes. O que representa esse mestre

do teatro na sua carreira?

O Rogério de Carvalho e o trabalho que vem desenvolvendo tanto em Portugal como nos PALOP merece todas as honras e todos os aplausos. O seu contributo para o teatro é absolutamente singular e tem tocado artistas de diversas gerações e proveniências. O Rogério encenou quatro espetáculos no Teatro GRIOT - “Faz escuro nos olhos”, “As confissões verdadeiras de um terrorista albino”, “Os negros” e “Posso saltar do meio da escuridão e morder” - foi o encenador que mais encenou a companhia.

A relação que mantenho com o Rogério é de profundo respeito

e admiração profissional e também de grande afeto. A intensidade, o rigor, amor com que se dá a cada momento de cada projeto, inspira-me e impele-me, também enquanto atriz, a trabalhar obsessivamente a voz e o gesto, expondo o extraordinário: o exímio e o miserável.

É a primeira companhia teatral em Portugal a ter uma mulher negra como directora artística. Fale-nos um pouco sobre o peso desta condição embrionária e representativa...

Reconhecer uma mulher de 49 anos como a primeira directora artística de teatro negra em Portugal deve obrigá-los a refletir: porquê, este, é um gesto de desobediência e emancipação e porque ainda permanece sendo? Quantas mulheres existem em lugares de decisão nas artes performativas? Quantas são diretoras artísticas? Quantas são diretoras de teatros ou estão em cargos de administração dos mesmos? E dessas quantas são negras? Ou negros?

É autora e encenadora das performances **Gestuário I**, produção INMUNE (Instituto da Mulher Negra em Portugal) e **Gestuário II**, co-produção INMUNE/BoCA - Biennial of Contemporary Arts... Como avalia o espaço de participação e oportunidades nas artes da mulher negra em Portugal?

O Gestuário é um projeto inaugural em Portugal na medida em que pela primeira vez se desenvolveu uma performance concebida, produzida e interpretada exclusivamente por mulheres negras. A importância desse momento histórico, que estabelece um antes e um depois, refletiu-se também no público que fez questão de o partilhar esgotando tanto a Cordoaria Nacional, em Lisboa (Gestuário I), como os Maus Hábitos no Porto e as Carpintarias de São Lázaro também em Lisboa (Gestuário II).

Penso, no entanto, que esse espaço que se quer de maior participação e oportunidades para as artistas negras é ainda por demais estreito. Há, em teoria, um reconhecimento da necessidade urgente de descolonizar as artes, mas na prática, mantém-se uma visão universalista e obsoleta do mundo que não contempla (nem nos financiamentos, nem nas estruturas programáticas) a multiplicidade de perspectivas, de territórios, de género e raça; uma visão que tarda em responder activamente à efervescente contemporaneidade do meio e os artistas que o compõem. Descolonizar tem de ser mais do que uma conjugação do verbo, exige uma afronta constante.

O Teatro Griot parece ser um lugar ideal para experimentação. Constituído por artistas negros que vive fora de África mas que a reclama por meio da arte, levando à cena temas que procuram valorizar mais a condição humana, ou desperta-la, incita-la. Num espaço maioritariamente branco, é um tanto provocador manter um trabalho como o vosso? Ou, no fundo, é parte de um despertar geral, para brancos e negros que habitam nesse espaço?

Provocador? Talvez, sim, considerando que é uma companhia de atores negros que se mantém com atividade continuada há mais de uma década na Europa e que na cena ainda provoca o no-



Momento da apresentação da peça "Uma Dança das Florestas", dirigida por Zia Soares

vo, provoca uma inversão de perspectiva - não são atores negros que estão perante espectadores, são, sim, espectadores que estão perante atores negros. Sempre que o Teatro GRIOT cria e apresenta um espetáculo implica, a companhia e o espectador, numa reflexão sobre a presença negra no palco, no meio artístico e na sociedade - pensar a luz que ilumina o corpo negro; coreografar o movimento de um espetáculo com performers negros que desfigure as imagens estereotipadas; e, simultaneamente, abrir horizonte para outros imaginários, é um acto político efectivo que contribui para a desconstrução de estereótipos raciais e identitários.

No seu trabalho, que valor dá à memória, que parece ser uma fonte inesgotável para confrontar o presente?

Parte da minha história constrói-se a partir de relatos sobre os quais sigo criando imagens, discursos, gestos, os meus trabalhos são experimentações autobiográficas. A memória é um lugar volúvel que abre um espaço incomensurável para a criação. Ficcional memória, produzir memória sobre mim é uma forma activa que encontro para interagir com o mundo.

Por exemplo, a peça "Faz Escuro nos Olhos" chegou a ser exibida aqui em Angola, concretamente em Luanda, numa das edições do Festival Internacional Elinga-Teatro. Uma montagem de textos a partir de diversos autores, como Sigmund Freud, Virginia Woolf, Breyten Breytenba-

ch ou Howard Barker. Fale-nos um pouco da experiência que foi essa peça?

"Faz escuro nos olhos", encenado por Rogério de Carvalho, é o primeiro espetáculo da companhia. Construimo-lo inicialmente sem ter o objetivo de o levar a cena. Só decidimos levar a palco quando amigos que convidamos para assistir a um dos ensaios, perguntaram onde e quando seria a estreia. Ensaíamos com o Rogério de Carvalho ao longo de mais de 5 meses, numa sala pequena, conhecemo-nos à medida que avançávamos no processo de criação. Para além dos textos desses autores, criámos textos nossos a partir das dinâmicas que fomos experimentando juntos e a partir desse processo percebemos que era possível trabalharmos em dramaturgias novas, nossas.

Houve um trabalho minucioso sobre a voz (como sempre há quando se trabalha com o Rogério de Carvalho) que se construiu a partir da imobilidade do corpo. Lembro que passávamos horas seguidas sentados numa disposição de corpo muito específica, e muitas vezes em silêncio durante muito tempo até que a voz e os textos por fim surgissem. Lembro também que o público que assistiu à estreia do espetáculo (e da companhia) no Institut Français du Portugal, era maioritariamente branco, os espectadores negros eram os nossos familiares. Hoje, passados mais de 10 anos e 13 espetáculos depois, a plateia do

GRIOT é muito diversificada e compõe-se maioritariamente por mulheres.

Uma outra peça, "Os Negros", também nos chama atenção. Nela temos a participação no elenco de um actor muito conhecido por cá, Orlando Sérgio. E tomo a peça para questionar: no fundo, qual a grande questão da peça?

Esta peça da autoria de Jean Genet com encenação de Rogério de Carvalho e co-produção Teatro GRIOT/ São Luiz Teatro Municipal, foi de facto marcante no percurso da companhia e creio que para as artes performativas em Portugal, na medida em que pela primeira vez se apresentavam 13 atrizes e atores negros dirigidos por um encenador negro no teatro municipal da capital do país, em que tudo, no palco e fora dele, se movimentava, aparentemente, em torno de uma questão: o que é ser negro? O espetáculo responde levantando mais questões num dispositivo topológico onde se manifestam relações de poder entre as personagens, umas que representam o colonizador, outras o colonizado, outras as próprias atrizes e atores em cena.

Do nigeriano Wole Soyinka, o Griot tem as peças "A Raça Forte", encenada em 2013, e volta, no princípio deste ano, ao mesmo autor com a peça "Uma Dança das Florestas", encenada e dirigida por si, sobre "o que é ser independente e estar livre". Fale-nos um pouco

Parte da minha história constrói-se a partir de relatos sobre os quais sigo criando imagens, discursos, gestos, os meus trabalhos são experimentações autobiográficas

das razões da escolha destas obras e do seu processo de montagem...

A primeira abordagem à obra de Wole Soyinka acontece no âmbito do Ciclo de teatro dedicado a autores africanos promovido pela companhia entre 2013 e 2014. Entre as suas várias obras do autor optamos pela "A raça forte", que foi encenada pelo Nuno Cardoso, tendo na altura ficado o interesse de voltar ao autor e se possível à obra "Uma dança das florestas". A oportunidade surge aquando do delineamento da programação do presente biênio, que no ano 2022, propõe a referida obra de Soyinka e "A divina comédia" de Dante Alighieri. A escolha das obras de Soyinka dá-se sobretudo pelo facto do autor ser um notável dramaturgo, africano, com uma voz muito ativa na luta contra a opressão na Nigéria, mas também noutros países, inclusive da Europa, onde estudou e trabalhou. Faço notar que "A raça forte" é a primeira abordagem da companhia a autores africanos e é a primeira vez que em Portugal se encena um texto deste dramaturgo, Nobel de Literatura de 1986. Falando de "Uma dança das florestas" foi um processo muito interessante: o texto propõe-nos uma coabitação entre seres extraordinários, como espíritos, semideuses, deuses e mortos e vivos numa Floresta onde o tempo é ele próprio um atuante essencial na construção da cena. Há um prurido constante quando se acredita que a liberdade está ao alcance da mão, mas esse prurido vai se tornando cada vez mais violento porque a liberdade não chega enquanto o passado não se expurga. É na potência de criar liberdade tangível que se constrói este espetáculo onde performers, música, arquitetura de cena, constantemente buscam e esbarram no tempo da morte e do nascimento, por vezes em simultâneo - não pela metáfora, mas pela metamorfose.

"Sou uma construtora de estratégias de transgressão"

JOÃO DUARTE



Peça "O Riso dos Negrófagos", com a qual recupera, por via do teatro, um momento da história de São Tomé e Príncipe

PEDRO FIGUEIREDO



Zia Soares em "Que Ainda Alguém nos Invente", peça inspirada na vida da Rainha Njinga Mbande

MÁRIO CÉSAR, SOFIABERBERAN



"Os Negros", peça da autoria de Jean Genet com encenação de Rogério de Carvalho marca o percurso da companhia GRIOT

Por ser recente, frisarei a nomeação da peça "O Riso dos Negrófagos", criada e encenada por si (estreada em 2021 na Culturgest) ao Premio Internazionale Teresa Pomodoro. Tiveram a oportunidade de apresentá-la em Fevereiro deste ano no Spazio Teatro No'hma, em Milão. É sempre uma satisfação ver o vosso trabalho reconhecido para lá de Portugal...

É sobretudo, muito bonito quando nos apercebemos que o nosso trabalho não se impõe fronteiras, que usa linguagens que podem ser entendidas em Milão, Lisboa, Berlim ou São Tomé, que toca pessoas de várias proveniências.

Ainda sobre esta peça, disse à imprensa, na altura da apresentação do espectáculo, que o acontecimento de 1953 não passa-

va de um pretexto e ponto de partida, e que ninguém iria ao teatro para conhecer a história, ou seja, não a busca de uma narrativa histórica e cronológica. Procurou, por assim dizer, passar a uma visão meramente sensorial deste episódio da chamada Guerra da Trindade (São Tomé e Príncipe, 1953)? Ou acha que há pontos de vista desta mesma história ainda por se explorar?

A história colonial está perpetuada nas escritas produzidas por homens brancos e veicula uma forma monológica e importantes protagonistas passaram os acontecimentos por outras vias que não a escrita. É no espaço lacunar da história que me interessa criar. Há outra memória que se constrói e que se reconfigura na vivência dos eventos quotidianos. Em São Tomé tive a oportunidade de parti-

cipar na Marcha do 3 de Fevereiro, que homenageia os mortos de 53, e nessa marcha percebi que a história estava ali, ao meu lado, comigo, nos corpos e nas vozes de centenas de pessoas que desfilavam. Não, nem a minha visão, nem o espectáculo são meramente sensoriais. São a concretude do massacre. São lucidez onde nos impingem opacidade.

Numa recente entrevista à Buala afirma: "Nós somos o tchiloli, o kuduro, o afrohouse, a batida. Somos uma amálgama dessas coisas todas, que nos enlouquece, nos atira para frente". E provocou: "É um corpo em transe, na dança das coisas da vida africana em solo europeu?"

Sou uma construtora de estratégias de transgressão, cada vez mais sofisticadas, que me permitem transitar entre territórios, fi-

sicos e simbólicos, e este auto-reconhecimento, por vezes tão extremamente lúcido, proporciona sim, um estado delirante.

O Griot prepara "A Divina Comédia", de Dante, para estrear no final deste ano. Seguirá, por assim dizer, os mesmos conceitos e questões que o Griot apresenta como linha programática, ou marcará uma ruptura temática?

O GRIOT é um espaço onde têm habitado criadores de diversas áreas que contribuem para o lugar de experimentação que a companhia tem conseguido preservar. A companhia tem-se permitido encenar diversas obras, desde dramaturgias novas até à biblioteca ocidental, é também neste enquadramento que "A divina comédia", um cânone da biblioteca europeia, encontra espaço na companhia.

Perfil

Zia Soares nasceu no Bié, em 1972. É co-fundadora, directora artística, encenadora e actriz do Teatro Griot, primeira companhia teatral em Portugal a ter uma mulher negra como directora artística. Foi também co-fundadora do teatro Praga, companhia teatral onde esteve como encenadora e actriz, de 1994 a 2000. Frequentou o curso de filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e o mestrado de Artes Cénicas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Além do teatro, também as artes circenses, pela Amsterdam Balloon Company, além do ballet e da percussão, que realizou junto a Companhia de Ballet da Guiné-Bissau, fazem parte do seu percurso enquanto artista. Soares ainda participou da Os Sátyros, companhia de Teatro de São Paulo.

Zia Soares começou cedo nos palcos, uma vez que seu pai fazia parte de um grupo de teatro amador. Aos 11 anos, Soares encenou pela primeira vez no Teatro São Luiz, em Lisboa. Pocas Pascoal, João Botelho, Pedro Filipe Marques, Uli Decker e Romano Caselis são alguns dos nomes ligados ao cinema com quem Zia trabalhou. A artista angolana colabora com os artistas visuais Kiluanji Kia Henda, Mónica de Miranda e Neusa Trovoadora. Zia é uma artista apoiada por um dos projetos cofinanciados pelo Programa Europa Criativa da União Europeia, através do Feminist Futures.

ESTELLE VALENT

